

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Regina Kramer Wendt

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE
ESTÓRIAS NA ALFABETIZAÇÃO**

**Porto Alegre
2011**

Regina Kramer Wendt

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE
ESTÓRIAS NA ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia, pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora:
Profa. Ana Maria de Barros Petersen

Tutora:
Cátia Zilio

Porto Alegre
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Graduação: Profa. Valquíria Linck Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste curso tem um significado muito importante na minha vida e também daqueles que me acompanharam, por isso, eu agradeço a Deus, por ter colocado em minha vida tantas pessoas que me incentivaram, apoiaram, tiveram paciência e estenderam a mão nos momentos de dificuldades e me ajudaram a superar tantos desafios no decorrer deste curso.

Meus agradecimentos aos professores, tutores, colegas e demais pessoas que das mais diversas formas nos auxiliaram neste pólo Universitário e na UFRGS e em especial ao Professor Crediné Menezes, as tutoras de sede Maria Del Carmem Martins, Simone Bicca Charczuk, as tutoras de sede Celi Lutz, Elisabete Bisuti Ceron e Sheila Câmara Hann, finalmente a Professora orientadora Ana Petersen e a tutora Cátia Zilio.

A Professora Jaqueline Picetti pela sua dedicação e orientação para o desenvolvimento da prática pedagógica e pelo seu auxílio na elaboração dos testes de níveis de meus alunos.

Em especial meus agradecimentos ao meu querido filho Renan Wendt e ao meu marido Fernando pelo incentivo, paciência, companheirismo e dedicação imprescindíveis ao longo deste trabalho.

Minha Gratidão aos meus queridos pais Arno e Irma Kramer que me apoiaram a buscar na educação uma vida plena. A todos os meus familiares e amigos pelo incentivo e pela preciosa presença em minha vida.

"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (Paulo Freire).

"Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar". (Emília Ferreiro)

RESUMO

Este estudo origina-se das experiências vivenciadas durante o Estágio de Docência do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura /Modalidade a Distância, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS realizado em 2010/1, com uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública no centro de Sapiranga - RS. Durante o desenvolvimento do projeto, através de observações diárias ficou constatado que as crianças que ouviam e recontavam as histórias encontraram mais facilidade na realização dos trabalhos, tiveram maior rendimento na leitura e escrita. O estudo foi desenvolvido em três fases distintas. Inicialmente uma Avaliação diagnóstica, no segundo momento realizou-se a prática de ensino e para concluir fez-se uma avaliação formativa relacionando as teorias e as práticas da contação de histórias no contexto educacional. Na educação, a contação de histórias pode contribuir de diversas formas, pois além de divertir, essa atividade também pode fornecer subsídios para o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão do leitor. A contação também estimula a imaginação e a criatividade, fundamentalmente desperta o interesse pela leitura e escrita, contribuindo para a produção de textos. Nesta perspectiva, este trabalho apresenta uma pesquisa já concluída relacionada à utilização da contação, em um contexto de aprendizagem no qual se buscava motivar os alunos durante as aulas.

Palavras-chave: Contação de Histórias – Alfabetização – Aprendizagem – Práticas Didático-Pedagógicas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Interagindo com o personagem da história.....	18
Figura 2 Foto disponibilizado pela mãe de um aluno, enquanto dormia em sua casa acompanhado da Pata Cris.....	21
Figura 3: observação de um poço de verdade em uma propriedade perto da escola.....	28
Figura 4: Dramatização da estória: O elefantinho no Poço.....	28
Figura 5: Entrevista com a senhora que contou a história como era feito o melado, antigamente, de forma manual.....	28
Figura 6: Trabalho com máscaras.....	29
Figura 7: Atividade cultural: visita ao museu municipal.....	29
Figura 8: Atividades com jogos. (Trabalhos em grupos).....	29
Figura 9: Modelando letras e sílabas.....	30
Figura 10: Recorte e colagens de letras.....	30
Figura 11: Interagindo com a história: As Cores de Laurinha.....	31
Figura 12: Trabalhando com dobraduras.....	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	A Turma do Estágio	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	O Porquê da Escolha da Temática?	13
3	TEORIA X PRÁTICA: RESULTADOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA..	17
3.1	Aprender a Ler e Escrever: desafios e possibilidades nos anos iniciais.....	18
3.2	A Alfabetização Conforme a Aplicação dos Testes de Níveis.....	23
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS.....	27
	APÊNDICE <Fotos das atividades desenvolvidas com a turma>	28

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade cumprir as exigências pedagógicas e legais para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, *strictus sensus*, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Como objeto de reflexão foi escolhido o tema, a importância da contação de histórias na alfabetização, baseado nas experiências desenvolvidas ao longo do estágio obrigatório com uma turma de Primeiro Ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual do município de Sapiranga, no primeiro semestre de 2010.

Este tema se originou nas indagações que se fizeram presentes ao longo do Curso de Pedagogia e que procuro sistematizar através desta escolha pontual, centrada na importância da contação de histórias para as aprendizagens e quais os benefícios do trabalho em grupo, na alfabetização. O trabalho e a cooperação podem contribuir com êxito no plano pedagógico e nas estratégias de aprendizagem? O trabalho, a cooperação e o envolvimento afetivo promovem a aprendizagem integral do aluno? A aprendizagem resulta de uma relação entre ação e pensamento, ou teoria e prática?

Meu objetivo, ao fazer esta escolha foi deter um olhar mais cuidadoso sobre a utilização, por mim, de obras de literatura infantil como um elemento facilitador no processo de alfabetização, como os alunos se beneficiaram, e principalmente o entusiasmo e alegria ao ensinar e orientar os alunos que inicialmente no decorrer da caminhada na alfabetização não tinham experiência da vida escolar como também desconheciam a junção e formação de palavras escritas. Foi uma grande experiência em tratar com alunos desta faixa etária,

transmitindo emoção, carinho, limites, paciência e muita responsabilidade, porque na escola o mundo deles era em torno da minha sala de aula.

Sabemos que a construção da leitura e da escrita é algo bastante complexo e individual, mas a intervenção do professor, torna-se fundamental para que os alunos tenham um bom desenvolvimento neste processo. Atenta a isso me propus a realizar um trabalho pedagógico que deixasse marcas positivas na alfabetização dos meus alunos, procurando auxiliá-los a melhorar sua autoestima, autoconfiança e a perceber suas potencialidades.

“Saber ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as potencialidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2006, p.47).

Assim, este estudo objetiva-se em compreender os aspectos da formação do leitor autônomo, analisando as estratégias adotadas no estágio que englobaram o estímulo à sensibilidade, à criatividade, à criticidade e à formação do gosto pela leitura e escrita, contribuindo para a construção de uma cidadania plena.

Partindo deste ponto de vista, julgo que a contação de histórias é fundamental para o desenvolvimento da comunicação entre as crianças porque na maioria das histórias as situações relatadas envolvem episódios de experiências, de medo, de amor, de autodescobertas e muitos outros que são semelhantes às vividas por elas na vida real, facilitando a aproximação entre o real e o lúdico.

Segundo Paço (2009), as crianças, de um modo geral, tem um grande interesse por contação de histórias, e neste trabalho busco relatar e discutir os resultados de uma pesquisa envolvendo a utilização de pequenas histórias em sala de aula.

1.1 A Turma do Estágio

Minha turma era composta por vinte e um alunos, na faixa etária, de seis a sete anos, sendo treze meninos e oito meninas, de classe média. Todos são muito afetuosos e têm muita vontade de aprender, são prestativos e com boa frequência.

Em geral, todas as crianças participaram das atividades propostas. São crianças bem ativas e dispostas, mostraram interesse em realizar as tarefas, construindo sua aprendizagem baseada na interação com os colegas e na busca de informação.

A minha sala de aula é bem arejada e iluminada, possui cinco mesas dispostas para facilitar o trabalho em grupos.

Há vários cartazes nas paredes tais como: o alfabeto, cartaz de aniversariante, do tempo, trabalhos dos alunos de acordo com os conteúdos trabalhados. Também há vários jogos e livros de literatura infantil.

Em geral, a turma demonstrou crescimento, responsabilidade individual e coletiva, pontualidade, aproveitando a oportunidade de desenvolver o raciocínio e questionar valores através de exercícios democráticos, projetos e, também, através da nossa convivência. O grupo já demonstra crescimento na solução de problemas, evoluindo para uma consciência de seus valores e estão mais atualizados sobre o mundo em que vivem.

No que diz respeito participação dos pais posso dizer que foi bastante ativa e demonstraram a responsabilidade de estimularem seus filhos auxiliando-os no cumprimento das tarefas.

Com o decorrer do trabalho, os alunos demonstraram capacidade de reflexão e a cada tema proposto faziam muitos questionamentos, superando muitas das minhas expectativas. Na maioria das vezes, ao trazerem contribuições das suas vivências para dentro da sala de aula, enriqueceram as aprendizagens.

Em cada contação de histórias a maioria pedia “professora conta de novo...”

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No desenvolvimento do estudo, buscou-se referências em alguns autores para fundamentar a importância da leitura no desenvolvimento da criatividade da criança e, conseqüentemente no processo de alfabetização.

Segundo Martins (1982, p.11), a leitura é um aprendizado mais natural, do que se costuma pensar.

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranquiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embala nosso sono. Uma superfície áspera desagrada, no entanto, o toque macio de mãos ou de um pano como que se integram à nossa pele. E o cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamentam ou abraça podem ser convites à satisfação ou ao rechaço. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler.

Com isso, o educador tem uma importante tarefa, pois cabe-lhe comprometer-se com um trabalho inovador, capaz de cativar o aluno e fazer dele um bom leitor, que sinta prazer diante da leitura de uma obra literária. Sobre isso também nos fala Bordini e Aguiar (1993, p.18):

Considerando a natureza da literatura, pode-se afirmar que, se o professor está comprometido com uma proposta transformadora de educação ele encontra no material literário o recurso mais favorável à consecução de seus objetivos. Neste caso, vale a pena investir na formação do leitor, o que significa incentivá-lo ao hábito, de modo a multiplicar a experiência literária.

Neste sentido, podemos perceber que apesar do comprometimento do educador, este necessita de apoio para o desenvolvimento de suas práticas que contribuirão e auxiliarão o educando na construção da aprendizagem. Portanto, entre as ferramentas para fortalecer o processo de aprendizagem da criança podemos afirmar que a leitura é fundamental.

Além disso, é importante, que no decorrer do processo de aprendizagem a criança seja instigada a sonhar, pois isto contribui para que ela possa fortalecer e desenvolver seu imaginário. Possibilitando à criança suas primeiras construções pré-textuais da aprendizagem.

Por sua vez, Zilberman (1982, p.4) afirma que:

A conceituação de literatura infantil supõe uma consideração de ordem histórica, uma vez que não apenas o gênero tem uma origem determinável cronologicamente, como também seu aparecimento decorreu de exigências próprias de seu tempo.

Logo, podemos concluir que a literatura infantil surgiu em decorrência da demanda da sociedade, e pela necessidade que os pais possuíam em manter ocupados seus filhos enquanto crianças.

Ao utilizarmos a estratégia da contação de histórias podemos constatar que, com o desenvolvimento das atividades, os alunos, apesar de sua pouca experiência, trazem ao grupo suas vivências, contribuindo assim, nos debates e diálogos, o que os enriquece e desperta o interesse de todos.

2.1 O Porquê da Escolha da Temática?

Como professora durante o período de estágio, pude perceber o quão importante foi para mim e para os meus alunos a proposta de contar histórias, pois vi crescendo dia a dia o rendimento dos meus alunos. Ao me dar conta do interesse dos alunos pelas histórias, senti que não poderia perder a oportunidade de incentivá-los ao gosto pela leitura e pela escrita. Além disso pude me dar conta de suas individualidades, crenças, valores, e permitindo estabelecer uma ampla familiaridade entre professor e aluno.

Segundo Bettelheim (1995, p.27), as histórias dão contribuições psicológicas muito positivas para o crescimento interno da criança já que:

oferecem soluções para os problemas existenciais, mas de acordo com o nível de compreensão infantil. Além de a criança aumentar os seus conhecimentos através desses textos, elas ainda podem transferir para os personagens os seus principais dramas. Estas histórias dirigem o pensamento da criança sobre o seu próprio desenvolvimento, sem nunca dizer o que deveria ser permitido à criança ter suas próprias conclusões, ou seja, este processo individual provê um amadurecimento dos sujeitos.

No decorrer das atividades práticas não houve necessidade de muito incentivo quanto às falas e à colocação de dúvidas por parte dos alunos, pois percebe-se que nesta faixa etária a curiosidade frente às leituras e contação de histórias, estão sempre aguçadas.

Difícilmente consegui concluir uma história, sem interrupções para darem exemplos e relacionarem, às próprias vivências, os fatos abordados nas leituras, ou seja, logo se apropriavam dos fatos trazendo seus questionamentos e exemplos de vivências, identificando-se com a história em vários momentos.

Também me acostumei a solicitar que esperassem para ouvir o final da história, fazendo determinados questionamentos baseados nos comentários deles, buscando aprofundar o tema proposto.

Por outro lado, há aqueles alunos que não costumam falar o que pensam e, passei a notar, que geralmente eles se escoravam na dúvida ou afirmação do colega mais próximo e, dificilmente expressavam suas próprias opiniões. É bem difícil fazer com que eles realmente digam o que pensam.

Cabe ao educador, também, exemplificar e esclarecer ao seu aluno a diferença que existe entre a história contada e os fatos que acontecem em suas vidas e que importância estes tem.

Penso que essa fase é muito importante, pois no momento que o professor não passa segurança, carinho, pode fazer com que o pequeno se feche e pode atrapalhar todo o seu desenvolvimento.

Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida". (KAMI e DEURIES 1991, 125).

Como eles ainda não estão alfabetizados podemos iniciar com a leitura das imagens (fotos e recortes) e através desses observar qual provoca mais interesse por parte do grupo. Permitir através de casos, histórias, problemas que eles percebem em seu meio (lixo, doença, crianças que passam muito

tempo sozinhas, exclusão, crianças que não estudam, vizinhos que possam precisar de ajuda, familiaridade, etc.) mobilizar os alunos a resolver ou investigar algo, construindo vários ambientes de aprendizagens de acordo com o interesse do grupo.

Segundo Vygotsky (*apud* CASTORINA,1996, p. 16) um dos autores que fundamenta nossa proposta pedagógica,

[...] 'aprendizagem' significa processo de ensino-aprendizagem, incluindo quem aprende quem ensina e as relações sociais entre eles, numa perspectiva sócio-histórica. Assim, a aprendizagem consiste na internalização progressiva dos instrumentos mediadores e é uma aplicação do princípio de que todo o processo psicológico superior vai do âmbito externo para o interno, das interações sociais para as ações internas, psicológicas.

Acredita-se no trabalho em grupo porque a criança deve se sociabilizar e integrar-se porque o conhecimento é social. Assim pode-se perceber que a criança como ser sociável, fortalece sua aprendizagem a partir de vivências com os colegas e professores.

[...] o conto, através de modelos de vida, transmite aos seus pequenos leitores e ouvintes, valores de grupo. Evidentemente, essa transmissão não se dá às claras, expressando de forma direta as regras que um grupo social deseja transmitir

Em todas as contações propostas, bem como as atividades relacionadas a elas, pude enxergar a participação e encanto de todos, pois quando faltava alguém no grupo eles cobravam no dia seguinte a responsabilidade do faltante. Portanto, deu para perceber que ali estavam desenvolvendo, além da aprendizagem, o seu senso de responsabilidade.

A esperança de uma criança, ao caminhar para a escola é encontrar um amigo, um guia, um animador, um líder - alguém muito consciente e que se preocupe com ela e que a faça pensar, tomar consciência de si de do mundo e que seja capaz de dar-lhe as mãos para construir com ela uma nova história e uma sociedade melhor. (ALMEIDA,1987,p.195).

Inicialmente estava ansiosa, mas com o tempo pude perceber que tudo é uma sequência, um passo após o outro. Através das contações eles aprenderam a criar, produzir palavras, frases e textos, além das contagens matemáticas.

Com o decorrer das atividades consegui dar um suporte aos que eram mais inseguros, pois tinham dificuldade de se separar da mãe, chorando o tempo inteiro na sala de aula. Com paciência e entendendo as fases de desenvolvimento, consegui superar este desafio.

A participação da família aconteceu no decorrer das práticas educativas, através das tarefas escolares, reunião de pais, na hora dos pais deixarem seu filho na escola, na entrega de boletins e nos eventos e atividades extracurriculares, como também entrevista com a avó de um aluno, para relatar experiências de vida.

3 TEORIA X PRÁTICA: RESULTADOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Este capítulo apresenta os principais recortes de uma investigação realizada, a partir da contação de histórias no processo da alfabetização nas séries iniciais. A investigação deu-se por meio de observação e análise dos resultados nas atividades realizadas pelas crianças onde se desenvolveu a prática pedagógica do curso de licenciatura em Pedagogia.

Neste sentido, as teorias ajudam-nos a compreender fenômenos a partir de uma perspectiva generalizada e fundamentar a importância da leitura e a contação de histórias na construção de uma aprendizagem significativa.

Segundo Freire (2006) percebe-se que é digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. E não apenas permanece, mas cumpre como pode seu dever.

Assim, podemos afirmar que o professor, na sua prática deve criar, estabelecer metas, atualizar-se para conseguir transmitir aos alunos o conhecimento e auxílio na construção da aprendizagem.

Portanto, percebe-se que conforme Freire (2006, p. 167) “alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral”. É através da leitura de mundo, buscava as palavras do povo, que estavam carregadas de significados e depois estas voltavam a eles, representando sua realidade através do que chamou de codificações de situações concretas. “No fundo esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma “leitura da leitura” anterior do mundo, antes da leitura da palavra”. O ato de ler implica na percepção crítica, interpretação e “re-escrita” do lido.

3.1 Aprender a Ler e Escrever: desafios e possibilidades nos anos iniciais

Ao analisar o contexto de aprendizagem da turma de estágio, percebeu-se que existiam alunos provenientes de realidades diferenciadas, o que demonstra um desafio para o professor e para turma, pois encontram-se em estágios diferenciados de alfabetização.

No decorrer das práticas, observou-se ainda que a alteração da legislação, que levou crianças de seis anos para o ensino fundamental, resultou, também em mais dificuldades na sala de aula.



Figura 1: Interagindo com o personagem da história.

Com a contação da estória “Pote de Melado” de Ruth Rocha (1998) despertou nos alunos o interesse de estudarmos mais sobre um dos personagens da história e também ter a oportunidade de poder comprar um brinquedo, uma pata de algodão, (conforme figura 1) com arrecadação de moedas de cada aluno. Com isso trabalhando o valor matemático nas contagens e valores. Também o carinho pelo brinquedo relacionado à história, todos os dias o brinquedo era levado para casa com o contrato de escrever num caderno, assim fazendo-os escrever e ler fatos ocorridos com este brinquedo.

Durante as atividades lúdicas relacionadas a esta história¹ percebi o interesse dos alunos em escreverem, e também pedirem aos pais os auxiliá-los nas atividades propostas.

Com a aquisição do Mascote da turma, iniciou se uma série de atividades relacionados a ele. Atividades² do alfabeto, trabalho com crachás, “tesouro”, jogo do bingo (Letras e números). Atividades que despertaram interesse pela leitura e escrita usando em forma do brinquedo e estimulando o prazer pela aprendizagem.

Os alunos não estavam satisfeitos em apenas ficar olhando-a na sala de aula. Queriam levá-la para casa. Fizemos um contrato e decidimos que todos teriam a oportunidade mas deveriam registrar como seria a chegada e a estadia em sua casa, num caderno específico que iria junto com a pata, chamado de “ Caderno da Pata Cris”. Haveria, também, o compromisso da família auxiliá-los nesta tarefa, pois alguns alunos não conheciam a escrita. Foi um total alvoroço na sala, bem como na escola. Dentro de pouco tempo todos já conheciam a Pata Cris.

Os colegas do corpo docente, elogiaram a iniciativa, pois possibilitou uma ampla integração entre aluno, professor e família, aproximando estes e fortalecendo a aprendizagem da criança.

Como é gostoso e importante para a formação da criança ouvir histórias. Ao contá-las instigamos a curiosidade e o desejo de ‘quero mais’, expresso pelas crianças no “conta outra vez”. São esses sentimentos que nos movem para conhecer e aprender as coisas que estão no mundo, e, sabendo as registradas em livros, certamente iremos recorrer a eles, nos tornando, assim, leitores por desejo e motivação.(PERRONE e LARA, 2002 *apud* PAÇO, 2009, p.27).

Assim, podemos perceber que o gosto pela leitura pode ser um despertar, proporcionado pelo professor, pelo seu entusiasmo no contar a estória.

¹ Dramatização da estória, desenho representando os personagens, visita a biblioteca para a visualização de outras obras, visita da vó de um aluno para contar de como era realizado o processamento da cana, para a fabricação do melado.

² Algumas atividades realizadas na prática pedagógica encontram-se em anexo neste trabalho.

Portanto, com a contação de estórias, percebeu-se que os alunos sentiram-se mais próximos da letras, da escrita, encantando-os com fatos reais ou ilusórios. Esta prática de contar estórias, fortaleceu a aproximação do aluno, professor, escola e família.

Assim todos os dias um dos alunos levavam o “caderno da Pata Cris” para casa para relatar o que acontecia e relatar do seu jeito para construir e produzir seu texto muitas vezes com a ajuda da mãe ou de seus familiares, relatado na voz de seu filho o início da fala dele onde nas próximas vezes ao levar, já sabia escrever com seu próprio punho.

Seguem-se, como exemplos, alguns dos relatos que foram feitos, pelos familiares das crianças:

“Hoje meu filho trouxe a pata Cris para a minha casa, brincamos, jogamos vídeo-game andamos de motinho, de bici, brincamos muito. Jantamos todos reunidos A Pata Cris dormiu comigo, pela manhã levantamos, escovamos os dentes, e olhamos um pouco de televisão, depois fomos passear na rua para aproveitar o bom tempo. Minha família achou muito interessante a ideia da pata pois as crianças se preocupam e cuidam dela.” (Relato inicial da mãe 'R' do aluno "P" ainda não alfabetizado).

“Hoje eu finalmente levarei a pata cris para a minha casa. nós fomos passear depois nos fomos para casa a pata dançou e cantou nós duas fomos olhar tv e depois fomos dormir”. relato final da mesma aluna: hoje, 29 de outubro, levei a pata para casa ,éla segunda vez, cheguei em casa e coloquei a pata no sofá eu também cantei no sofá e coloquei um filme para eu e a pata olhar o nome do filme era alice no país das maravilhas em sinei a pata a ler adorei a visita da pata aqui na minha casa meu pai minha mãe e meu irmão também gostarão. minha mãe pegou a pata no colo depois fomos almoçar e depois fomos assistir o filme da tinker bell e depois fomos para dormir com a pata e depois fomos dormir quando acordamos fomos lá na minha vó e eu e a pata tomamos café esperamos até a hora da escola.” (aluna "L")

Percebe-se a participação e o entusiasmo da família em relação ao crescimento e comprometimento da criança com a sua alfabetização. Freire (1996) já mostrava que a família é fundamental na consolidação da aprendizagem da criança.

Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomadas de decisões deles não é uma intromissão, mas um dever até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles. (FREIRE, 1996, p. 120)

Desta forma, ficou claro, para mim que estavam se construindo como sujeitos e que a socialização faz parte deste processo de construção, vivenciando tal processo como único, desenvolvendo-se tanto na família quanto na escola.



Figura 2 Foto disponibilizado pela mãe de um aluno, enquanto dormia em sua casa acompanhado da Pata Cris.

Neste sentido, na alfabetização, podemos observar que o trabalho em grupos contribui para o aceleração do processo, pois possibilita aos alunos exporem suas ideias e aprenderem a escutar as ideias novas, vindas dos colegas, dos professores e das outras pessoas.

Assim, pude perceber a importância da socialização e interação dos grupos na sala de aula, reconhecendo que a aprendizagem é também auxiliada pela sociabilidade, que culmina na formação de novas ideias, desenvolvendo o gosto pela leitura e pela escrita.

Neste processo de alfabetização a afetividade, o apoio e cuidados dos pais são comportamentos decisivos para o desenvolvimento da maturidade, da

independência, da competência, da autoconfiança, da autonomia nas futuras decisões e das responsabilidades.

O amor é fator essencial para o desenvolvimento e equilíbrio do ser. [...] Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomadas de decisões deles não é uma intromissão, mas um dever até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles. (FREIRE, 1996, p. 120).

A contação de histórias e o mascote da turma, fortaleceram o gosto pela leitura e escrita, aproximaram e comprometeram os pais com a participação na alfabetização dos filhos.

Todos os atos de leitura que a criança presencia em casa lhe fornecem base para a construção da leitura e escrita. Um adulto realiza cotidianamente uma série de atos de leitura diante da criança sem transmitir-lhe explicitamente sua significação. Assim, por exemplo, um adulto busca informação no escrito, não somente quando lê o jornal ou quando lê um livro, mas também quando lê placas indicadoras da cidade para se orientar, uma bula de remédio para saber a maneira de cumprir as indicações, o cardápio de um restaurante antes de decidir o que vai comer, revistas informativas antes de escolher um programa de televisão, etc. Seria difícil contabilizar todos os atos de leitura que um adulto efetua e aos quais a criança assiste desde muito cedo. (MORAIS, 2008, p.1).

Logo, pode-se afirmar que o gosto pela leitura deveria vir da família e que só seria concretizado na escola. Pois o hábito de envolver as crianças na leitura, através da contação de histórias pode fortalecer e acelerar o processo de aprendizagem na alfabetização, cabe ao professor e aos adultos responsáveis pela criança, proporcionar situações onde isso possa ocorrer, pois:

É o sujeito que reconstrói o objeto para dele apropriar-se através do desenvolvimento de um conhecimento e não da exercitação de uma técnica. É o sujeito, em suma, que conhecemos graças à psicologia genética. (FERREIRO e TEBEROSKI, 2003, p. 277)

Assim, na prática educativa o professor deve considerar que a criança na fase de alfabetização precisa se deparar com um ambiente rico propício ao levantamento de hipóteses o aluno pensando sinta despertar o interesse pela leitura e pela escrita.

3.2 A Alfabetização Conforme a Aplicação dos Testes de Níveis

Na proposta pedagógica da escola, deu-se a ênfase de trabalhar com a questão de aplicar os testes de níveis para verificar e analisar o nosso trabalho em sala de aula.

Com o empenho e ajuda da professora Jaqueline Picetti de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizamos com todos os meus alunos esta avaliação e com sua preciosa experiência pudemos perceber que eles já estavam bem avançados nesta etapa e para concluir registro dois casos de escrita e suas anotações com o início do nível até com o final do mesmo com dois alunos desta turma.

Nesta etapa foi trabalhado em sala de aula todos os dias com o alfabeto, crachás, citando os nomes dos colegas mostrando o mesmo, deixando-os sobre uma mesa para que eles os identifique, trabalhando intensamente as letras dos nomes bem como o bingo de letras e o “ tesouro” atividade, onde os alunos colocam diversas palavras em uma caixinha de sua significação onde posteriormente se trabalha.

Nesta fase também é rica a associação de objetos e seus nomes fazendo várias relações para o conhecimento. Sendo as letras os elementos básicos da escrita, o aluno precisa se habituar e familiarizar brevemente com elas. Bem como na contação tem o aparecimento de palavras, frases e textos. Costumei enriquecer a sala de aula com muitos alfabetos feitos de diversos materiais trabalhando com sucatas, de madeira, plásticos EVAS, personagens de filmes infantis... trocando-os semanalmente, para se tornar uma tarefa atrativa.

A organização dos materiais didáticos foi um fator de auxílio e prazer para alunos no início desta etapa, ajudando-os a vivenciar e superar o nível pré-silábico, assim como os demais níveis de alfabetização.

Também há interesse em produção de pequenos textos onde o aluno quer além de ouvir histórias as escreve do seu jeito, estas são atividades complementares ao longo de todo o processo de alfabetização, englobando em si a escrita de palavras e de letras. A produção de texto pode ser individual ou

coletiva, podendo ser feita a partir de um desenho, pois também é uma forma de expressão para a escrita verbal. O importante é que se crie em uma sala de primeiro ano um clima em que se escreva muito e que aquilo que se escreve seja muito valorizado.

Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a produzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disto há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu. (FERREIRO, 1981, p. 41)

Neste sentido, aprendeu-se que com a aplicação dos testes, o aluno demonstra a sua capacidade e a sua vontade de se expressar, na possibilidade de superar os desafios, no decorrer da alfabetização.

A organização dos materiais didáticos foi um fator de auxílio e prazer para os alunos no início desta etapa, ajudando-os a vivenciar e superar o nível pré-silábico assim como os demais níveis de alfabetização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta prática, posso concluir que vale muito a pena trabalhar com a contação de estórias, de forma lúdica e criativa, desenvolvendo assim o gosto pela leitura e escrita mostrando que existem sim muitos livros e histórias interessantes, divertidas e envolventes.

Neste estudo, buscou-se apresentar a importância da contação de histórias relacionando os referenciais teóricos que fundamentam a ação no decorrer da prática no aspecto de despertar nos alunos o gosto da leitura e escrita na alfabetização. Instigar também que através da contação de histórias o educando tenha maior interesse e participação no decorrer das aulas no incentivo de suas aprendizagens, sanando suas dificuldades proporcionando várias oportunidades de fazer a sua construção desse conhecimento.

No decorrer das atividades de prática pode-se observar que a criança aprende muito ouvindo e interagindo na contação de estórias, mas sente-se a necessidade de cativar o aluno, que nos leva à aproximar da sua vida familiar e que nos permite de forma efetiva ajudá-lo a evoluir.

Para isso, torna-se necessário, que como educadores, devemos valorizar suas produções, pois assim, as crianças sentem-se incentivadas e irão aprender a gostar daquilo que fazem, sabendo que o que estão aprendendo será importante na sua vida.

No decorrer da prática reconheceu-se de que não devemos esquecer que o interesse também se cria, se inova e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que se coloca no decorrer de uma leitura e das possibilidades que sejamos capazes de explorar.

Penso que nós professores, temos um caminho importante a construir com os alunos no contexto escolar na aquisição da leitura e escrita nos anos

iniciais, que terá continuidade nas séries seguintes, e cabe a nós perceber as causas, dificuldades, intervenções da aprendizagem e assim procurar alternativas para um bom trabalho de alfabetização.

Entre as práticas de contações de histórias, de forma lúdica e criativa, desenvolvi assim o gosto pela leitura dos educandos, que encontram nas histórias uma forma de enriquecer a sua aprendizagem.

Temos um grande desafio de incentivar, estimular, fazer com que os nossos alunos acreditem no poder de transformação da educação, e para isso é necessário vontade, desafios e confiança na potencialidade de cada um.

Logo, estou bastante satisfeita com o trabalho que desenvolvi, pois os meus alunos, ao final do estágio, estavam tão apaixonados quanto eu o sou pelas histórias infantis.

Penso que os professores, têm um caminho importante a construir com os alunos no contexto escolar na aquisição da leitura e escrita nos anos iniciais, que terá continuidade nas séries seguintes, e cabe a nós perceber as causas, dificuldades, intervenções da aprendizagem e assim procurar alternativas para um bom trabalho de alfabetização.

Assim, observa-se que ensinar exige ética, e estética, a prática educativa tem a obrigação moral de ser um testemunho rigoroso de decência e de pureza, o professor não pode estar longe ou fora da ética por ser portador do caráter formador, o ensino dos conteúdos não pode estar alheios a formação moral do educando.

Para finalizar, durante a realização do estágio, fiquei feliz porque estou num momento de mudanças, revendo minhas ações, conceitos, tendo mais autonomia e revendo a minha prática pedagógica pois nas várias tentativas que realizei para inovar aprendi muito com meus alunos, colegas, tutoras e professores.

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. A formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CEZARETTI. REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ, maio de 1989.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- FRANÇA, Mary e Eliardo, **O Pote de Melado**, Ed Ática, 1998, Rio de Janeiro.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 2006. Editora Paz e Terra, 34ª ed.
- KAMI, Constance. DEURIES, Rheta. **Piaget para educação pré-escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- MORAIS, Juliana Marcondes de. ALMEIDA, Francisca de Sousa. DONIZETTI, Rita. MAIA, Maria Angélica Gomes Orientadora. **Pais, filhos e alfabetização, em um só processo**. Disponível em <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC1036_01_A.pdf>. Acesso: 18 jun 2011.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo, Scipione, 1996.
- PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. **O encanto da literatura infantil no CEMEI Carmem Montes Paixão**. Monografia do Curso de Especialização em Educação Infantil: “Desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos”, UFRRJ, 2009. Disponível em: <http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafios-cotidianos/arquivos/integra/integra_PACO.pdf>. Acesso: 10 jun. 2011.
- ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Global, 1982.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1983.

APÊNDICE <Fotos das atividades desenvolvidas com a turma>



Figura 3: observação de um poço de verdade em uma propriedade perto da escola



Figura 4: Dramatização da estória: O elefantinho no Poço



Figura 5: Entrevista com a senhora que contou a história como era feito o melado, antigamente, de forma manual.



Figura 6: Trabalho com máscaras



Figura 7: Atividade cultural: visita ao museu municipal.



Figura 8: Atividades com jogos. (Trabalhos em grupos)



Figura 9: Modelando letras e sílabas.

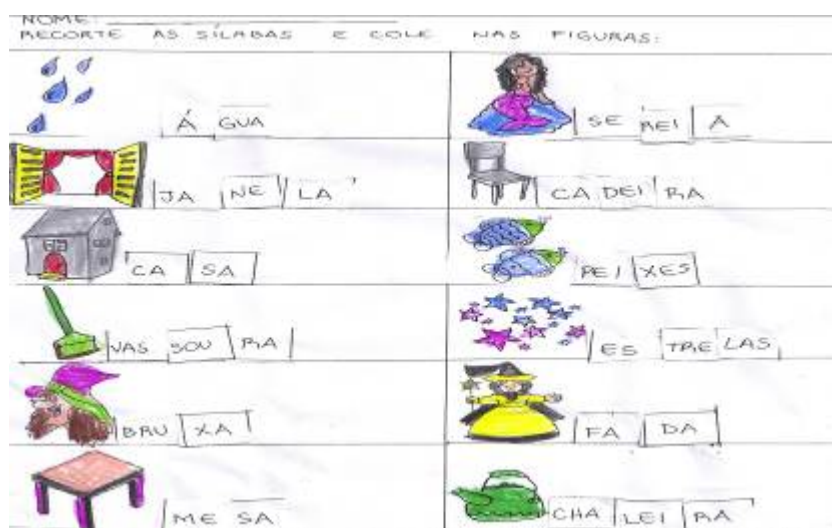


Figura 10: Recorte e colagens de letras



Figura 11: Interagindo com a história: As Cores de Laurinha.



Figura 12: Trabalhando com dobraduras